

SUBSTANTIVOS ABSTRATOS: REPENSANDO CONCEITOS E METODOLOGIA DE ENSINO

Ivone Wichruk¹

Luisandro Mendes de Souza²

Resumo: O presente trabalho vem participar da discussão sobre a inconsistência teórica gramatical, em especial sobre os conceitos referentes aos substantivos abstratos, e também apresentar uma reflexão acerca de uma nova conceituação ou metodologia que ajude a viabilizar o ensino da classe dos substantivos. Muito se tem discutido a esse respeito dada a evidente deficiência existente no ensino da Língua Portuguesa, em que se inclui esta classe de palavras. Repensar essa categoria é interessante para que o ensino de Língua Portuguesa se torne mais eficiente e, assim, fazendo mais sentido aos alunos, as aulas se tornarão mais atrativas.

Palavras-chave: Substantivos Abstratos. Conceitos. Ensino.

Introdução

Se a Gramática Tradicional é inadequada, o que colocar em seu lugar? (Perini, 1985, p. 4). Um assunto que tem sido muito explorado nos estudos sobre a Língua Portuguesa é a inconsistência teórica da conceituação das classes das palavras. Assunto este que aparece em trabalhos dos nossos maiores estudiosos, a exemplo de Bechara (2001, p.20) e Perini (1985, p.4), e tem se multiplicado em artigos acadêmicos. Ainda que seja uma discussão recorrente, observamos que as classes gramaticais de nossa língua materna e seus livros didáticos apresentam-se nos mesmos moldes questionados pelos autores já há algumas décadas. Tomamos, no presente trabalho, o convite feito por Perini em seu livro “Para Uma Nova Gramática da Língua Portuguesa” (1985), quando ele diz que muito existe para ser repensado e modificado na atual Gramática.

O gramático dá ênfase em seu livro a uma crítica sobre como as gramáticas apresentam as classes de palavras, e como elas incorrem em erros ao classificá-las. Aqui, participando da discussão acerca da construção do que seria a nova Gramática da Língua Portuguesa, analisaremos somente um aspecto de uma das dez classes de palavras – os substantivos abstratos – em relação aos substantivos concretos e em relação a sua oposição a outras classes de palavras – os verbos e adjetivos. Na

¹Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Rio Grande do Sul. Aluna do curso de Pós-Graduação *lato sensu* de Gramática e Ensino de Língua Portuguesa da UFRGS. E-mail: ivone_graci@hotmail.com.

²Professor da 8ª edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

classificação dos substantivos, podemos observar que não há um consenso sobre qual critério de descrição utilizar, seja ele o semântico, o funcional ou o mórfico. Tal observação não é exatamente um problema, pois as diferentes análises podem enriquecer o estudo das classes de palavras, desde que tenhamos acesso a todas elas. Como as palavras apresentam em sua natureza linguística os três aspectos (semântico, morfológico e sintático), torna-se incompleta a utilização de apenas um critério, ainda mais se for escolhido de forma arbitrária. Precisamos ter em mente que os gramáticos estão apresentando descrições e normas de nossa língua, sem preocupações maiores de fazer ciência, sendo esta uma tarefa deixada para os linguistas.

Para nosso objetivo, analisaremos alguns de nossos grandes gramáticos, manuais da Língua Portuguesa e livros didáticos. Partiremos da evidente dificuldade dos alunos em compreender tais conceitos, dada suas falhas (definições amplas e imprecisas) e difíceis descrições:

SUBSTANTIVOS – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar qualquer objeto mentalmente apreendido como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estado (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação) (Bechara, 2001, p. 112).

A tarefa do professor inicia ao escolher a gramática a ser utilizada. Como podemos verificar no conceito acima dado por Bechara (2001, p.112), sua gramática não é adequada para uso escolar, dada sua complexidade.

Ao comparar os conceitos encontrados em muitos dos autores das gramáticas do português brasileiro e de livros didáticos, nos deparamos com alguns detalhes fundamentais para seu entendimento. José De Nicola e Ulisses Infante fazem a distinção de concreto/abstrato a partir da existência ou não do ser:

- a) Concretos – designa os seres propriamente ditos (pessoas, objetos, lugares), independentemente de sua existência real. Assim sendo, são exemplos de substantivos concretos: fada, saci, mesa, cadeira, caneta, etc.
- b) Abstratos – designa ações, qualidades ou estados, tomados como seres. Indica coisas que não existem por si, que são o resultado de uma abstração. É o caso de felicidade, pobreza, honra, caridade, etc. (José De Nicola e Ulisses Infante, 1993, p. 158).

Roberto Melo Mesquita, em seu manual direcionado a cursos sobre o ensino de Língua Portuguesa, Gramática da Língua Portuguesa, explica sobre os substantivos abstratos em relação a sua dependência:

(...) dão nome a estados, sensações, qualidades e até a ação existente nos seres, e nunca são considerados independentemente deles (...) são aqueles que designam não propriamente os seres, mas sensações, estados, ações ou qualidades dos seres (Roberto Melo Mesquita, 1996, p. 161).

O professor Luft (citando Régis Jolivet: *Vocabulaire de la Philosophie*, 1946), ampliando a explicação de dependência, faz a distinção a partir da essência dos seres:

Substantivos abstratos são os que designam qualidades ou ações abstraídas dos seres que as possuem ou executam; (...) são os que designam uma essência ou qualidade separada de seu sujeito: alegria, bondade, brancura, verdade, tristeza. Abstrações de ações: admiração, consolo, corrida, julgamento. (Luft, *op. cit.* Régis Jolivet, p.45, 1996)

Os autores utilizam noções diferentes para explicar a classe dos substantivos, conforme sua linha de estudo. Poderíamos citar aqui muitos outros autores que, como os já mencionados, ora dão um enfoque semântico, ora morfossintático, ora morfossemântico. Dependendo do aspecto dos substantivos analisados, utilizam critérios semânticos (próprios, comuns, concretos, abstratos e coletivos) ou morfológicos (simples X composto, primitivo X derivado), deixando o aspecto sintático em segundo plano.

Para este trabalho, é interessante observar que apenas um destes aspectos não é suficiente e, por mais abrangente que seja, abre-se mão da totalidade do objeto de nosso estudo. A utilização do critério semântico para conceituar os substantivos abstratos pode ser verificada em todos os exemplos já mencionados.

1. Os Substantivos Abstratos

Na classificação dos abstratos, verificamos que há o predomínio do critério semântico de descrição. “Substantivo é a palavra que usamos para nomear seres, coisas e ideias”, este é o conceito dado por José De Nicola e Ulisses Infante na *Gramática Contemporânea Da Língua Portuguesa* (1993, p.157), que a primeira vista nos parece simples e objetivo. Ao analisarmos mais detalhadamente tal explicação, deparamo-nos com mais dúvidas do que respostas. O que exatamente é uma “coisa”? Qual é a abrangência da palavra “ideia”

“Coisa”, como aqui foi posto, está relacionada diretamente ao fato do objeto ser animado ou não. Excluiremos da definição de “coisa” pessoas e animais (Bechara, citado por Leite, Silveira e Vasconcelos, 1985, p.109), e ainda vegetais e lugares (Celso Cunha, citado por Leite, Silveira e Vasconcelos, 1985, p.109). Então, diante destas informações podemos dizer que no conceito de coisa incluem-se apenas objetos inanimados:

A noção de coisa – Em sentido amplo, coisa é algo que existe ou que pode existir, excluindo o que for alguém; inclui, pois, aquilo que, em si mesmo, é

destituído de um princípio de vida própria, de “anima” (alma) característica dos seres animados. Coisas são seres inanimados. (Leite; Silveira; Vasconcelos, 1985, p.109)

Talvez ainda permaneça a dúvida em relação à citação quando se refere a “coisa que existe ou que pode existir”. O que seria esta possibilidade? Seriam os imaginários? Como podemos ver, a natureza do fenômeno linguístico é mais complexa do que parece ser. Também, não seria a preocupação dos gramáticos a elaboração de “definições precisas”, e sim dos linguistas, que tem por função fazer ciência e teoria. A partir do conceito dado por Leite, em que “coisa” seria todo ser inanimado, podendo ser interpretado como objeto, mas também podemos incluir os substantivos abstratos que, segundo o conceito dado por Leite, são destituídos de um princípio de vida própria.

Em Bechara (1999, p.116), na subclassificação dos coletivos, encontramos no “grupo de coisas” a palavra “carrada” para o múltiplo (não confundir com coletivos) da palavra “razão”. Ele classificou “razão” como sendo “coisa”.

E como poderíamos explicar “ideias”? Justamente aí poderíamos nomear seres desprovidos de materialidade, fruto de nossos pensamentos, conceptualizações. Deles não podemos formar uma imagem, mas uma ideia representativa. Aqui, ainda permaneceria uma dúvida se o substantivo abstrato poderia fazer mais sentido incluído no conceito de “ideia” ou de “coisa”.

Podemos identificar ainda a grande dificuldade que se encontra no estudo dos substantivos abstratos que designam “ações” e “qualidades”. Em relação aos substantivos que denotam estados não verificamos maiores dificuldades. Os que designam “ação” remetem diretamente aos verbos e os que designam “qualidades” remetem diretamente a adjetivos. Aos analisarmos estas palavras, veremos que são derivadas de verbos ou de adjetivos. Vejam-se os exemplos: bom – bondade; branco – brancura; chegar – chegada; entregar – entrega; aceitar – aceitação.

Porém precisamos ter em mente que nem todos os substantivos abstratos são derivados de adjetivos ou de verbos. É necessário que se faça essa distinção. Nas gramáticas analisadas esta questão não fica clara. E não é por menos tamanha confusão, pois os verbos e adjetivos também podem aparecer substantivados (derivação imprópria): *o bom, o branco, o aceitar*, etc.

Segundo Luft (1996, p.46), os substantivos são transformações de adjetivos (os de qualidade) ou de verbos (os de ação), mediante “sufixação (*branco + ura; admira + -ção*), tematização (*ataca + -e: ataque; consola + -o: consolo*), determinação

(*o/um/aquele... + branco*)”. É muito importante aqui também que se faça a análise do radical destas palavras, verificar que, em todos os processos mencionados, ele é preservado em sua totalidade ou parcialmente (derivação regressiva).

1.1 Dependência

É difícil depreender a ideia de que algo só existe em relação à existência de outro ser – o que os gramáticos chamam de dependência:

Substantivos abstratos – os que designam qualidades, sentimentos, ações ou estados dos seres, dos quais se podem abstrair (=separar) e sem os quais não podem existir. (Cegalla, 2008)

Mais uma vez é aplicada uma explicação ampla e filosófica, que provavelmente, assim posta, só acaba fazendo sentido a quem já possui internalizado o conhecimento das outras classes de palavras. Não existindo este conhecimento, além de não conseguir fazer as distinções descritas nas gramáticas, poderá confundir o que já compreendia sobre a descrição gramatical, caso o enfoque seja no ensino gramatical.

Ainda analisando a questão de dependência (aspecto semântico), o complemento nominal (aspecto sintático), termo integrante da oração, tem algo a contribuir para a conceituação dos substantivos abstratos. Ainda que o complemento nominal venha, como seu nome já o declara, complementar a significação transitiva incompleta ainda que não só dos substantivos, mas também adjetivos e advérbios, sua verificação é bem relevante. Os substantivos concretos não possuem a mesma propriedade dos abstratos, porque não necessitam de complementação para integrar seu sentido (com raras exceções). A transitividade nos dá uma boa ideia de dependência, sendo esta uma relação de natureza sintática, e não semântica. Tal relação pode ser observada nos exemplos abaixo:

A defesa *da pátria*
O respeito *às leis*
Assistência *às aulas*
Aliança *com o estrangeiro*
A luta *contra o mal*
O amor *ao trabalho*
Nossa fé *em Deus*
O gosto *pela arte*
Disposição *para o trabalho*
Teve raiva *de si mesmo*
(Cegalla, 2008, p.354)

Os substantivos abstratos (*defesa, respeito, assistência, luta, amor, fé, gosto, disposição, raiva*) sendo sentimentos, qualidades ou ações de outros seres, pouco dizem por si só, e por uma necessidade linguística necessitam de elementos (complementos)

que lhes forneçam mais significação além daquela que denotam. Não é a abordagem mais eficiente, como já foi mencionado, por não ser característica da exclusiva natureza dos substantivos. Podemos dizer que é uma dependência sintática, e não semântica.

1.2 As mais Variadas Definições para os Abstratos

Chama-nos a atenção à variada lista de “seres dependentes” que os substantivos abstratos podem nomear:

- 1) Estados (morte, vida, doença)
- 2) Sensações (frio, calor, fome, sede)
- 3) Qualidades (honestidade, bondade)
- 4) Ações (arrumação, viagem, compra)
- 5) Sentimentos (saudade, amor, alegria)
- 6) Processos (ressecamento, crescimento)
- 7) Noções (tamanho, peso, altura)
- 8) Pensamentos (abandono, esquecimento, reflexão)
- 9) Ideias (fraternidade, paz, consolidação, economia)

E ainda foi citado no livro didático de Leila Lauer Sarmiento (2004, p.199), mesmo não fornecendo exemplos, mais possibilidades de seres nomeados pelos substantivos: defeitos, desejos.

Poderíamos dizer que é fácil identificar um substantivo abstrato, mesmo estes possuindo falta de materialidade. Difícil é classificá-lo. Ainda que os exemplos citados sejam os mais corriqueiros, os mesmos aparecem em classificações distintas às que foram apresentadas acima. Um exemplo disto está no manual “A gramática lê o texto” (Guimarães e Guimarães, 1997, p.59), no qual encontramos somente três subclasses de substantivos abstratos: qualidade, sentimento e estado. Nele, encontramos a palavra *frio* classificada como *sentimento*. A mesma palavra poderia facilmente ser identificada como uma sensação. Então, é possível dizer que a dificuldade está em classificar e não em identificar. Para fins didáticos, não parece ser tão interessante que o aluno saiba a que subclassificação o substantivo abstrato pertence, pois até entre os grandes estudiosos de nosso idioma surgem divergências. Para o aluno, é interessante que ele saiba em que contexto linguístico poderá utilizá-la. Um exemplo disso é o texto argumentativo, que costuma conter muitas ideias abstratas.

1.3 Aspectos Morfossemânticos

O critério funcional de análise pode ajudar a esclarecer a confusão entre substantivos abstratos e adjetivos, por exemplo. Em relação aos termos da oração, somente o substantivo pode ser o sujeito oracional representado por nome, pronome, sintagma nominal ou oração nominal.

O substantivo tem forte relação com o verbo, quando é o núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Da mesma forma, o substantivo relaciona-se com o nome sendo núcleo do complemento nominal ou do aposto. Também é o núcleo do predicativo e do vocativo. Estamos falando aqui tanto de abstratos quanto de concretos, pois ambos têm o mesmo comportamento funcional, ocupam as mesmas posições sintáticas. A única exceção é a necessidade de complemento nominal para os substantivos abstratos em oposição ao adjunto adnominal dos concretos.

Luft (1996, p.46) não aprofunda seu comentário, só diz que: “o substantivo abstrato não tem plural”, sendo sua ocorrência, assim como nos verbos, marcada pelo traço de \pm abstrato. Ele está se referindo ao fato de o substantivo abstrato pluralizado tornar-se, na maioria das vezes, concreto. Já Bechara (1999, p.114), ao falar dos substantivos contáveis e não-contáveis, coloca os abstratos no grupo dos não-contáveis, classificados como objetos contínuos, juntamente à massa e à matéria. A característica dos contínuos é não poderem ser divididos em partes diversas e são habitualmente usados no singular (*singulariza tantum*). Como exemplo de contínuos, o gramático menciona *oceano, vinho, bondade, beleza*. É uma difícil conceituação, por se tratarem de elementos de natureza tão distinta no mesmo grupo. Esta questão semântica pode ser observada nos exemplos a seguir: A morte – as mortes; O sofrimento – os sofrimentos.

Baseados nos exemplos acima, poderíamos dizer que Luft está errado, pois podemos encontrar usos dos abstratos pluralizados. Observemos os seguintes exemplos de não-contáveis pluralizados: Quero um copo de vinho. X Quero dois vinhos.

Ao classificarmos os abstratos como massivos, conforme Bechara, devemos ter em mente que a interpretação será outra quando pluralizados. Nomes massivos só podem ser usados no português com expressões de medida, como *um copo*, e não podem ser contados. Quando dizemos *dois vinhos*, não estamos falando de duas unidades da substância vinho, mas estamos dizendo que quero dois tipos de vinho, ou seja, o sentido será outro. Podem ser citados outros exemplos:

- 1) Quincas Berro D'água sofreu duas mortes.
- 2) Os sofrimentos de Madame Bovary são tocantes.
- 3) Angelina Jolie possui várias belezas.

4) O cristão possui várias fés.

Podemos concluir que a afirmação de Luft precisa ser qualificada e que a hipótese de Bechara parece estar mais correta. Em relação ao plural, alguns abstratos se comportam como os nomes massivos concretos. A forma pluralizada será usada em contextos diferentes ao da forma singularizada, como em (4), quando a palavra *fé*, ao ser pluralizada, é empregada significando *crença*. Bechara dirá que o plural dos não-contáveis alude a diferentes espécies (como nos exemplos 1, 2, 3 e 4) ou à fragmentação. Então, um mesmo substantivo abstrato, ao ser pluralizado assumirá outra significação, ainda que se consiga resgatar o significado original.

2. O Ensino Gramatical

A tradição greco-latina sempre priorizou a descrição semântica, elevando os conceitos a tratados filosóficos. Diante de tal informação, poderíamos concluir que tal conhecimento é baseado na reflexão, porém outra tradição fortemente enraizada em nosso ensino predomina. O ensino da Língua Portuguesa é alicerçado no processo prescritivo normativo, em que o aluno recebe um conhecimento pronto e que é transmitido de tal forma a não dar margem a questionamento e modificação. O aluno simplesmente recebe informações de como a língua funciona e de que forma ele a deverá usar.

Nas gramáticas analisadas, escritas a partir da década de mil novecentos e oitenta, encontramos as palavras divididas em classes e estas possuem ainda subclasses. Especificamente, o capítulo que trata dos substantivos tem sempre a mesma estrutura. Muitas gramáticas e livros didáticos apresentam o texto como meio para uma nova abordagem dos estudos gramaticais, mas ele acaba sendo apenas pretexto para o mesmo ensino tradicional normativo, repletos de nomenclaturas. Diante deste panorama, podemos constatar que os gramáticos não conseguem se desvencilhar da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Afinal de contas, para que ensinar os substantivos abstratos? Ora, precisamos dar suporte para que nossos alunos tenham a consciência necessária para que possam utilizar todos os meios comunicativos de forma eficiente. Não podemos negar a ele o conhecimento linguístico já conquistado pelo homem. Na prática, serve para ensinar a produzir bons textos, tendo a noção de que suas escolhas gramaticais produzem efeitos

na compreensão do leitor. O professor, ainda que não encontre sentido em trabalhar com os substantivos e suas classificações, recebe das escolas programas de ensino que tornam obrigatório seu ensino. De qualquer forma, a escola também segue uma demanda social que solicitará este conhecimento, tendo como os maiores exemplos disto as provas de concursos públicos e vestibular. Em relação ao aluno utilizar substantivos abstratos, mesmo que não os saiba classificar, encontraremos respostas no estudo de nossa “gramática internalizada”. Segundo a teoria gerativista, nossa competência linguística nos dá, entre outras coisas, a noção de organização de frase. Um exemplo disso é sabemos usar intuitivamente, de forma correta, a posição de sujeito na oração.

2.1 Como os Livros Didáticos Apresentam os Substantivos

Apesar de os livros didáticos oferecerem fórmulas de ensino mais modernas e simplificadas, que façam sentido ao aluno, acabam ficando só na promessa. Eles trazem os mesmos conceitos tradicionais e pecam nas explicações como a citada abaixo, retirada do livro didático “Português: literatura, gramática, produção de texto” de Sarmento e Tufano:

Por meio do poema de Cora Coralina (A casa do berço azul), você percebeu que existem palavras que servem para dar nome aos seres de um modo geral, isto é, identificam pessoas, objetos ou coisas, como: Dona Marcionilha, Chico Fiscal, Casa, berço, menino, etc. Essas palavras são chamadas substantivos. Portanto: Substantivos são palavras que dão nome aos seres vivos reais ou imaginários, a coisas, sentimentos, ações, estados, qualidades ou defeitos e desejos (Sarmento e Tufano, 2004, p. 199).

A conjunção conclusiva *portanto* não parece ter sido bem empregada, pois a primeira parte da explicação não leva o leitor a concluir o conceito que se segue a este termo. A primeira parte nos leva a concluir que existem palavras para nomear seres reais e concretos, com exceção da palavra *criação*. Também o poema mencionado não tem intenção alguma de demonstrar substantivos, tão pouco os substantivos abstratos apresentados na explicação da autora do livro. O poema relata imagens do passado de Cora Coralina, que por si próprias não trazem a percepção sugerida por Sarmento, como podemos perceber no fragmento abaixo:

A CASA DO BERÇO AZUL
 Dona Marcionilha e seu Chico Fiscal.
 Era a casa deles.
 Gostavam de flores, de vasos e de roseiras.
 Um quintal muito grande de fruteiras fartas e escondidas.
 Criação de lebres e de coelhos, da meninada.
 Gaiolas dependuradas.

Alçapões. Balanços pelos galhos.
Meninos brincando.
Meus e deles.
Passarinhos.
(Sarmiento e Tufano, 2004, p. 199).

São necessárias orientações complementares (ampliadas) para que o livro mencionado obtenha os resultados desejados. Na sequência, o mesmo livro didático traz a tradicional classificação dos substantivos:

Concretos – nomeiam seres com existência própria, isto é, seres reais que não dependem de outros seres para existir, podendo ser reais ou imaginários: soldado/ lobisomem / gnomo.

Abstratos – nomeiam ações, estados, qualidades e sentimentos que não têm existência própria, só existem em função de outro ser: juventude, beleza, mágoa (Sarmiento e Tufano, 2004, p. 200).

Na explicação acima, ficam de fora os substantivos abstratos mencionados na página 199 do mesmo livro – os substantivos denominadores de “defeitos” e “desejos”. Contudo, ao explicar os substantivos abstratos, acertadamente, a autora menciona que alguns deles são “derivados de verbos (*luta, fala, choro*) e de adjetivos (*magreza, audácia, brancura*)”. Ainda que só mencione tal propriedade, essa observação serve de orientação para que o aluno perceba a distinção entre substantivos e verbos, e entre substantivos e adjetivos. Neste momento seria importante demonstrar as características de uma categoria em relação à outra, de forma a fazer um contraponto com os substantivos. É importante que se dê atenção, pois é neste detalhe que paira grande parte da confusão no processo de aprendizagem deste conteúdo.

Outro livro didático, “A gramática lê o texto”, é apresentado pelas autoras Florianete Guimarães e Margaret Guimarães (1997, p.3) como uma nova proposta de abordagem do ensino da Língua Portuguesa. Segundo as autoras, o livro didático deve “assumir seu papel definidor: ser comunicação e expressão”, e para atingir seu objetivo, a linguagem será trabalhada nos textos. A análise do livro, e em especial o capítulo sobre os substantivos que é aqui tratado, não traz nada além da habitual abordagem.

O capítulo que trata dos substantivos (p. 58-70) é bem detalhado. Inicia dando o ponto de vista morfológico, o qual recebe bastante ênfase (simples, composto, primitivo, derivado, flexões, etc.). Quanto à classificação do ponto de vista semântico, já é mais sucinto, trazendo, resumidamente, a tradicional divisão (comuns, próprios, concretos, abstratos e coletivos). O conceito de abstrato baseia-se na dependência:

d. Abstratos são palavras cuja existência depende de outro ser para manifestar-se; definem situações de qualidade, de um estado ou de um sentimento: formosura, beleza (qualidade); amor, frio, dor, alegria, saudade

(sentimento); doença, morte, vida (estado). (GUIMARÃES & GUIMARÃES 1997, p. 59).

Nada além desta citação é dito sobre os abstratos. A descrição das classificações traz conceitos tão vagos que mais parecem tópicos. E, finalmente, na seção intitulada “A gramática lê o texto”, o livro traz uma atividade com a poesia “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade:

(...) meu isso, meu aquilo,
 Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
 São mensagens,
 Letras falantes,
 Gritos visuais,
 Ordens de uso, abuso, reincidência,
 Costume, hábito, premência,
 Indispensabilidade, (...)
 (GUIMARÃES & GUIMARÃES, 1997, p. 59)

Na sequência, o livro traz um exercício a partir da poesia apresentada: “Faça um levantamento dos substantivos que ocorrem no texto”. É possível observar que o trabalho com texto não foi frutífero, pois ele serviu apenas como acervo de palavras. A poesia de Drummond poderia ter sido bem mais explorada do que foi. Ela contém bons exemplos de substantivos concretos e abstratos para serem trabalhados. O mesmo capítulo do livro ainda traz exercícios sobre formação de palavras, no estilo convencional, perguntando ao leitor qual é o processo de formação envolvido no exemplo. Não conseguimos identificar nele nenhuma novidade em nível de metodologia.

O único livro que se mostrou um pouco mais fiel a sua proposta, “Melhoramentos: gramática da língua portuguesa” (1997), de Clóvis O. Gregorim. O autor diz que “devemos encarar o ensino da gramática não como uma mera transmissão de conceitos, regras e exceções, porém como uma sistematização dos fatos da língua” (1997, p. 5). Ele traz no final do longo capítulo do estudo dos substantivos uma lista das funções sintáticas do substantivo:

1. Sujeito
2. Núcleo do sujeito
3. Predicativo do sujeito
4. Núcleo do predicativo do sujeito
5. Predicativo do objeto
6. Núcleo do predicativo do objeto
7. Objeto direto
8. Núcleo do objeto direto
9. Objeto indireto
10. Núcleo do objeto indireto
11. Núcleo o complemento nominal
12. Núcleo do adjunto adverbial
13. Núcleo do adjunto adnominal

14. Núcleo do agente da passiva
 15. Aposto
 16. Núcleo do aposto
 17. Vocativo.
- (Gregorim, 1997, 211-213)

Todos os termos da oração foram devidamente exemplificados. Restaria ao professor a tarefa de testar junto aos alunos a possibilidade ou não de todas as posições listadas serem ocupadas por substantivos abstratos. Precisamos mencionar que optamos aqui em manter a análise através da atual estrutura das gramáticas, excluindo, neste momento, analisar sob a perspectiva do sintagma nominal. Tal medida foi tomada, mesmo estando conscientes de que trabalhar com o sintagma nominal seria uma abordagem mais acertada. Porém, acreditamos que é necessário aos alunos um conhecimento prévio (superficial) da estrutura de nossa gramática, para posteriormente avançarmos para outro nível mais elevado de conhecimento, mais profundo. Também, acreditamos que a abordagem deste conteúdo através de produções textuais e análises de outros textos é muito produtiva, porém não terá efeito sem uma anterior sistematização da língua.

2.2 Pensando uma Nova ou mais Completa Metodologia de Ensino

Nosso grande questionamento seria como tornar o estudo dos substantivos mais didático. Como os conceitos existentes nas gramáticas e, principalmente, nos livros didáticos dificultam o entendimento desta classificação dos substantivos, precisamos demonstrar os abstratos através de mais de uma perspectiva. Dito desta forma, não é nenhuma novidade.

O fato é que, apesar desta constatação já existir, depois de tanto tempo, o ensino de Língua Portuguesa continua exatamente igual ao antigo sistema prescritivo. Dentro desta tradição, uma grande falha é ensinar cada aspecto de forma isolada. Sabemos que esta forma facilita a exposição da aula, mas não é eficiente para a aprendizagem dos alunos.

Normalmente, os alunos fazem exercícios que apresentam um exemplo a ser seguido, o que, além de limitar o raciocínio, acaba gerando mais confusão do que esclarecimento. Mais uma vez, torna-se evidente que uma gramática meramente normativa, que apresenta conceitos prontos e sem espaço para o raciocínio não se justifica.

Linguisticamente falando, a formação intelectual dos estudantes fica comprometida. Também não encontramos explicação para continuarmos trabalhando com a Gramática da forma como ela apresenta os conteúdos. Os conceitos encontrados não demonstram a intenção de proporcionar a compreensão do aluno. Eles são breves e vagos, deixando muitas lacunas.

Uma sugestão, em relação ao que aqui é analisado, seria mostrar aos alunos de onde vêm estes substantivos abstratos designadores de ações. É interessante mostrar a eles tais processos, como exemplo a derivação regressiva, em que os verbos perdem o morfema {r} e formam substantivos abstratos, como em *falar-fala*, pois teriam consciência do seu próprio vocabulário. Tal capacidade daria ao aluno mais mecanismos, por exemplo, para escrever textos com linguagem mais elaborada.

Já os substantivos que designam “estados” podem dar origem aos adjetivos. Exemplo: saúde – saudável; doença – doente. Aqui, também, seria ampliada a questão do vocabulário do aluno.

Perini (1985) sugere que seja feita a análise das classes de palavras observando-as através de paradigmas. Então podemos fazer tal análise dos substantivos. Tomemos aqui a definição dada pelo autor de paradigma: “um conjunto de palavras que se diferem apenas quanto a morfemas flexionais” (p.19).

Segundo esta teoria, substantivo é a palavra que pertence a um paradigma cujos membros se opõem quanto ao gênero e número. Tal análise coloca o substantivo em oposição ao verbo, que tem como paradigma observável o número, pessoa e tempo. Neste sentido “correr” e “corrida” não participariam do mesmo paradigma, o que facilitaria a distinção de substantivos abstratos denotadores de ação dos verbos.

A seguir, vemos que o autor tem uma primeira ideia a respeito da proposta de organização da nova descrição gramatical:

Creio que existe a possibilidade de uma solução de compromisso segundo as linhas seguintes: incluiremos na gramática uma dupla descrição, a saber (a) uma descrição em termos formais da estrutura sintática superficial; e (b) uma descrição de aspectos da interpretação semântica, colocada, na medida do possível, em paralelo com a descrição sintática. No caso da sintaxe e da morfologia, far-se-á um esforço no sentido de preservar, onde possível, a nomenclatura tradicional. Já no caso da semântica não vejo como isso possa ser feito, dada a inexistência pura e simples de uma terminologia semântica minimamente coerente dentro da gramática tradicional. (Perini, 1985, p.9)

Vemos que a sugestão somente é citada e não demonstrada, o que faz necessária maior explicação e demonstrações de novas práticas. A tarefa de tornar o assunto mais

didático cabe aos escritores de livros didáticos, que muitas vezes acabam só reproduzindo as gramáticas.

O estudo gramatical é, por motivos de organização, exposto de forma fragmentada. As gramáticas até menciona as funções que exerce o substantivo, mas não aprofunda a explicação. A utilização dos substantivos será comentada propriamente no capítulo destinado ao estudo da sintaxe, o que facilita a descrição.

A questão é que neste capítulo são apresentadas todas as classes de palavras juntas. Este conhecimento fragmentado parece não ser o mais eficiente. Não podemos negar a sua importância, mas já é possível, como no caso dos substantivos, apresentar as funções ocupadas na oração no seu capítulo específico.

Faz-se mais que necessária a utilização de orações em que o estudante possa observar o que lhe é ensinado. Sugerimos o mesmo como método de abordagem aos livros didáticos ao serem trabalhados os substantivos. Precisamos mostrar aos alunos os usos que se fazem nas orações, tanto dos concretos quanto dos abstratos. E o interessante é que poderemos assim demonstrar que os abstratos praticamente funcionam da mesma forma na oração. Vejamos exemplos dos contextos em que podemos trabalhar as posições ocupadas pelos substantivos:

- 1) O _____ é prejudicial ao homem.
 - a) Sedentarismo;
 - b) Egoísmo;
 - c) Tabagismo;
 - d) Sofrimento.
 - e) Sal.

É possível observar que somente substantivos podem ocupar a posição sujeito, e esta tanto poderá ser preenchida por abstratos quanto por concretos. Até aí devemos fortalecer a ideia de que ambos se comportam gramaticalmente da mesma forma.

- 2) As belas _____ são as mais admiradas.
 - a) Mulheres;
 - b) Flores;
 - c) Ações;
 - d) Palavras;
 - e) Lembranças.

No exemplo de nº2, constataremos que os termos concordaram em relação ao número com o substantivo, inclusive a concordância com o verbo. No caso dos abstratos, ao serem pluralizados, como já vimos em Luft (1996, p.46) passam a ser classificados como concretos. Mesmo sendo concreto ou abstrato, poderemos verificar que a concordância verbo-nominal ocorrerá da mesma forma. Independente da técnica a ser utilizada, é necessário que nela se observe a relação entre o aspecto formal e o aspecto semântico dos substantivos. Ainda que tenhamos reforçado até aqui a questão dos conceitos de substantivos concretos e abstratos, buscado distinções entre ambos, encontraremos nessa tarefa semelhanças (exemplo: posição sujeito) e diferenças (exemplo: complemento nominal e adjunto nominal). Surge-nos um questionamento que ficará sem a devida resposta: Então por que simplesmente não deixemos de tentar fazer esta distinção entre substantivos abstratos e concretos?

Considerações Finais

Para que o aluno chegue a uma compreensão mínima do fenômeno linguístico que explique o que seja um substantivo, um substantivo abstrato e suas propriedades, ele deverá percorrer um caminho longo, fazendo vários exercícios mentais. Como o nome já diz, os abstratos são fruto de abstrações pertencentes à inteligência humana. São muito acertadas as palavras de Mattoso Câmara Jr.(citado por Luft, 1996, p.46) quando nos diz que “a distinção entre concretos e abstratos é mais filosófica do que linguística e dentro da filosofia é muito fugidia”. A Gramática vem para dar as bases para este estudo, para que o estudante, a partir de suas próprias reflexões, chegue a fazer suas próprias conexões. Luft (1996, p. 46) justifica a atual classificação dos substantivos dizendo que “se a NGB a manteve, foi de certo por motivos linguísticos, não lógicos ou filosóficos (...)”.

Há muito tempo estudiosos fazem reflexões sobre o fenômeno aqui descrito e o que podemos concluir é que ainda precisaremos de mais de uma abordagem para que se façam eficientes as aulas de Língua Portuguesa. Fica evidente neste trabalho que não existe um resumo eficiente o bastante para abarcar todo um entendimento sobre o assunto.

É necessário que o professor tenha um bom conhecimento do conteúdo trabalhado, para que o possa explorar de várias perspectivas, pois, ainda que para muitos

pareça simples, o trabalho com substantivos é bem mais complexo. Porém, estas perspectivas devem ter um propósito bem traçado.

Todos os autores citados neste trabalho completam o conceito, cada um deles formando uma parte do todo. A conceituação de apenas um dos autores mencionados não expressa muito de nossa realidade linguística. O fato é que o professor, que é um dos protagonistas do ensino/aprendizagem, não deve se satisfazer em apenas ministrar aulas em que ele expõe um conhecimento pronto, acabado, e que não faz sentido ao aluno.

Em relação aos substantivos abstratos, apenas uma caracterização, seja ela semântica morfológica ou sintática não é suficiente para se trabalhar o conteúdo. É inegável a necessidade de utilizarmos mais de um tipo de classificação para que consigamos obter uma visão global desta classe. Porém, ao trabalharmos com mais de um critério é necessário se pensar em como fazê-lo, como disse Mattoso (Caderno do CNLF, p. 33), em outras palavras, utilizando de uma hierarquia de utilização de critérios, com “objetivos nítidos”.

A tarefa não é fácil, pois até os grandes estudiosos de nossa língua, como Perini e Cunha & Cintra (Caderno do CNLF, p.34), não entram em um acordo ao proporem uma hierarquia de critérios; estes, por exemplo, não concordam com Mattoso em relação a qual seria essa ordenação.

Propomos aqui, que os substantivos, e mais especificamente os substantivos abstratos sejam trabalhados com os alunos também sob a perspectiva funcional, ou seja, verificando o papel sintático na sentença. De outra forma, não é possível avançar para o estudo da análise sintática, não é possível trabalhar com os termos da oração. É infrutífero trabalhar estes aspectos em listagens de palavra, como se as línguas fossem formas isoladas, desconexas.

Nestes apontamentos, para analisarmos o objeto da pesquisa foi necessário recorrer a várias gramáticas de nossa língua e ainda buscar informações sobre alguns termos e expressões utilizados. Tal necessidade demonstra nitidamente que a forma como vêm sendo trabalhadas as aulas de conteúdos gramaticais não é satisfatória. Para nossos alunos, é bem mais fácil memorizar antigos conceitos e regras, pois o que lhes é transmitido é vago e fragmentado.

Sugerimos que a dependência deva ser vista do ponto de vista da sintaxe (palavras abstratas em geral pedem complementos nominais) e do ponto de vista da

morfologia (uma boa parte delas é derivada de verbos ou adjetivos). Afinal, classificar essas palavras apenas do ponto de vista semântico é ineficiente.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed. rev. E ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

GREGORIM, Clóvis O. *Melhoramentos: Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

GUIMARÃES, Florianete; Guimarães, Margaret. *A Gramática Lê o Texto*. São Paulo: Moderna, 1997.

LEITE, Cília C. P.; SILVEIRA, Regina C. P. da; VASCONCELOS, Silvia I. C. Aspectos do substantivo que merecem reflexão. In: LEITE, Celia C. P.; FÁVERO, Leonor L.; SILVEIRA, Regina C. P. da. *Sintaxe-semântica: base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985. P. 104-115.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português*. 3.ed.São Paulo. Globo, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 14 ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1988.

MELO MESQUITA, Roberto. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.ed.São Paulo: Saraiva, 1996.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PERINI, Mario A. *Para uma Nova Gramática do Português*. São Paulo: Ática, 1985.

SARMENTO, Leila Lauer. TUFANO, Douglas. *Português: Literatura, Gramática, Produção Textual*. São Paulo: Moderna, 2004, volume único.

SILVA, Mônica Gomes da. *A Classificação de Palavras na Gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra: Análise dos Critérios Adotados*. Cadernos do CNLF, n. 4, vol. XIII, Rio de Janeiro, CiFEFII, 2009, p. 33-40.